

MARKUS



MARCIO ZANINI

# MARKUS

Copyright © Grupo Editorial Coerência, 2021  
Copyright © Marcio Zanini, 2020

Todos os direitos desta edição reservados ao Grupo Editorial Coerência.  
Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida através de  
qualquer meio existente sem a autorização prévia da editora.  
Direito autoral: DA-2021-008555

DIREÇÃO EDITORIAL  
**Lilian Vaccaro**

PRODUÇÃO EDITORIAL  
**Marcio Zanini**

PRODUÇÃO GRÁFICA  
**Giovanna Vaccaro**

PREPARAÇÃO  
**Daniela Toledo**

REVISÃO  
**Laryssa Fazolo**

CAPA  
**Henrique Morais**

DIAGRAMAÇÃO  
**Michael Vasconcelos**

DADOS  
INTERNACIONAIS  
DE CATALOGAÇÃO  
NA PUBLICAÇÃO  
(CIP)

Zanini, Marcio  
Markus / Marcio Zanini. – 1ª edição – São Paulo: Coerência, 2021

ISBN: 978-65-87068-88-6

1.Romance 2.Ficção 3.Vampiro I. Título

CDD: 869.3



**São Paulo**

*Avenida Paulista, 326,*

*cj 84 - Bela Vista*

*São Paulo | SP – 01.310-902*

*www.editoracoerencia.com.br*

Este é um livro de ficção que tem como único intuito o entretenimento. Alguns dados históricos foram levemente adaptados para esta história ficcional e não devem ser levados como verdade absoluta. Se deseja estudar sobre o assunto, sugiro pesquisar em livros que tenham esse objetivo educacional. Especialmente em se tratando da escravidão branca na Europa, período em que se passa a história do livro.

Vampiros não existem além de nossa imaginação. O sexo e a violência neste livro são puramente fantasiosos e não têm intenção de influenciar a conduta das pessoas na vida real. Além disso, a história se passa em um tempo em que a sociedade pensava e agia de forma diferente dos dias atuais. Àqueles que não conseguirem separar fantasia da realidade, sugiro buscar ajuda de um profissional de saúde.



Nunca aspirei deixar minha marca no mundo.  
Só o que desejei foi deixar uma lembrança de que passei por aqui.

Marcio Zanini



Este livro é dedicado a todos que se importam, de alguma maneira,  
com o que este simples escritor tem para contar.





ANO DE 2022

Thiago acordou sentindo a dor da pancada na cabeça. Aquele ferimento parecia latejar como se existisse algum ser vivo ali dentro tentando sair. Por um momento, ficou aliviado por não ter sido no seu rosto, do qual tanto se orgulhava. Se houvesse algum ferimento desagradável, estaria encoberto pelos cabelos. Levantou a mão para verificar se estava inchado demais.

Foi quando sentiu o gelado do metal das correntes de ferro presas ao redor do seu pulso. Contorceu a face, confuso, seguiu-as com o olhar e notou que saíam das mãos em duas direções diferentes. Uma delas ia até seus pés, que também estavam presos, outra, até o pescoço, terminando em uma coleira de ferro com um cadeado.

Terminou de se horrorizar ao notar que estava completamente sem roupas. Sentiu um nó na garganta, uma vontade de chorar de pavor e de medo misturada com raiva e ansiedade. Tateou o corpo esculpido na academia em busca de novos ferimentos, mas não encontrou nenhum.

Tentou se lembrar do que aconteceu. Em um minuto estava em uma *rave*, numa chácara no meio do nada, bebendo e se divertindo, saiu para urinar em uma árvore, e apagou, acordando somente agora, deixando um lapso temporal em sua memória.

Remexeu a língua. Havia ali um gosto de remédio, amargo. Antibiótico. Reconhecia o sabor, seu dente do siso sempre inflamava antes de ter sido extraído e, por isso, tomou várias vezes esse mesmo remédio, com o mesmo gosto, era impossível não reconhecer.

O detalhe que lhe fazia a vista turvar só de pensar era que aquela quantidade de medicamento parecia muito maior do que um simples comprimido. Teria sido uma injeção? Um efeito mais rápido? Quem fez isso queria que ele não tivesse a ferida da cabeça infeccionada.

Só de imaginar uma agulha penetrando em seu corpo enquanto estava desacordado, arrepiava-lhe toda a coluna e a nuca. Que seringa haveriam usado? Teria sido usada em outra pessoa antes dele? Vislumbrar o abismo do desconhecido a sua frente lhe dava náuseas.

Ainda sentia sua vista um pouco embaçada. O lugar era escuro, abafado e úmido. Não havia iluminação. A única luz estava longe, deixando-o ali na penumbra.

O chão parecia de concreto puro e frio. Provavelmente sem ter sido alisado e lapidado, pois ele sentia a sola do pé raspar a cada movimento. O colchão em que estava deitado era velho, cheirava a suor, era gasto e fino em algumas partes. Ao seu lado, o fedor de urina. Estendeu a mão e sentiu o arrepio na coluna ao escutar as correntes balançarem, tocou um antigo e gelado penico de esmalte desgastado.

A vista começava a focalizar melhor agora que seus olhos se acostumavam com o escuro. Havia grades a sua frente. Levantou-se com dificuldade, escorando-se na parede, a tontura pareceu piorar no momento em que se pôs de pé. Esperou um tempo, para que o mundo parasse de girar.

Andou com dificuldade. Tocou e analisou melhor as velhas grades enferrujadas.

Tinha um longo passadiço para ambas as direções. Várias celas iguais à sua e uma precária luz ao fim de cada ponta do corredor. Era, portanto, a única iluminação do lugar. Na frente de cada cela, havia uma lâmpada precária, presa ao teto somente por fios, sem soquetes ou acabamento, mas não estava acesa, e ele muito menos conseguia imaginar onde ficava o interruptor.

— Olá. — Sua voz saiu falha, quase abafada. Limpou a garganta e tentou novamente: — Olá, tem alguém aí?

Encostou a cabeça na grade, projetando o ouvido para o corredor. Não havia qualquer som ou eco.

— Oi, alguém — falou mais alto.

— Cala a boca. — A voz de uma mulher parecia um sussurro distante.

Thiago se assustou, dando um passo para trás. Não estava sozinho. A escuridão não lhe dava chances de descobrir de onde vinha a voz.

– Oi. Quem está aí?

– Fica quieto. Se perceberem que estamos conversando, virão até aqui.

– Quem?

– Eles. Os caras maus. Não sei o que são – disse, confusa.

– Que lugar é esse, moça? – O desespero em tentar prever o que lhe aconteceria era evidente em sua voz.

– Não sei.

– Cala a boca vocês dois – um homem disse da cela ao lado.

– Minha nossa... – Thiago sobressaltou-se. Olhos arregalados, quase chorosos, ao imaginar quantas outras pessoas estariam ali, encarceradas, e sem motivo aparente. O lugar parecia um mausoléu, uma cripta. Isso não era bom.

– Não adianta ficar bravo com ele. Está assustado. – A moça parecia se dirigir ao homem da cela ao lado.

– Cara – o homem alertou por fim –, sempre que eles vêm aqui e levam um, nunca mais essa pessoa retorna. Então, fica quieto e reza para não ser você.

O silêncio retornou ao lugar. Não havia som algum, deixando tudo com um ar mórbido e abandonado. Após o longo silêncio, Thiago tentou se enganar, dizendo mentalmente que havia imaginado vozes e que não tinha ninguém ali. Uma loucura que poderia ser explicada pela pancada e pelos medicamentos. Devia existir uma explicação. Alguma brincadeira que seus amigos estavam lhe pregando por... Droga! Nem seu aniversário era.

As luzes se acenderam, puxando-o de volta à realidade. Lâmpadas fracas e amareladas, uma iluminação precária, mas o suficiente para conseguir ver várias celas com homens e mulheres. Todos nus e acorrentados da mesma maneira que ele.

As pessoas se encolhiam em direção ao fundo, amedrontadas.

– Viu o que você fez? – sussurrou o homem ao lado, irritado. – Tomara que levem você.

Thiago escutou passos ao longe, às vezes paravam, depois continuavam. Cada vez que se aproximavam, ele se encolhia como um ratinho. Temeroso com o que poderia estar vindo em sua direção. Temendo pela própria vida.

Então, dois homens apareceram na frente dele.

Um deles usava um sobretudo longo, que se arrastava pelo chão e cobria todo o corpo. O capuz não permitia ver quem era, deixando aquela situação ainda mais macabra. Um ser sombrio, com olhos cinza e brilhantes como a lua encaravam Thiago, passando a sensação de que olhavam dentro de sua alma e vasculhavam sua mente.

O outro era um rapaz. Deveria ter dois metros de altura de puro músculo. A roupa parecia não ser feita para seu tamanho. Usava uma calça de couro e uma bota militar de cano longo. Uma camisa branca com um suspensório. Pulseira grossa de couro com detalhes em metal. O cabelo era estilo moicano. Suas tatuagens tribais saíam de dentro da camisa pelas mangas, alastrando-se pelo braço e subindo pelo pescoço tão grosso quanto um tronco de árvore. Seu olhar era feroz e vazio. As sobrancelhas pesadas, no rosto forte e quadrado, deixavam-no intimidador.

Thiago, que não conseguia se desviar daqueles olhos cinza que o encaravam, forçava a vista para tentar ver qualquer detalhe da feição do homem de capuz, escondido pelas sombras. Depois de um tempo, o desconhecido simplesmente levantou a mão e apontou o dedo para Thiago.

O capataz ao lado, ao menos era o que parecia, sorriu e acenou com a cabeça, confirmando a escolha do outro.

O musculoso tatuado abriu a porta da cela, enquanto o encapuzado deixava o local. O capataz sacou um antigo revólver de vacina de trás da cintura e aproximou-se do ombro de Thiago, que tentou se defender em vão. O homem usou uma das mãos para segurar o pescoço dele e aplicou, sem muita dificuldade, o potente tranquilizante que fez com que ele vagueasse em pensamentos por um momento, até cair nu e desacordado no chão.

Ele tirou as correntes de Thiago, pendurou-o nos ombros e saiu pelo corredor. Ao passar em frente à cela do homem irritado, este cuspiu no chão, dando uma risada vitoriosa por conta de o rapaz falante ter sido o escolhido.